

COMO O PROFESSOR PODE TRABALHAR COM AS DIFICULDADES NA AQUISIÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA

SANTOS, Gabriel dos.

Curso de Licenciatura em Letras

Centro Universitário Internacional Uninter

CORBANI, Clair Terezinha ¹

Professora Orientadora

RESUMO

Dificuldade de aprendizagem é um distúrbio que se manifesta nos alunos durante o processo de alfabetização, caracterizando-se por apresentar uma dificuldade nos processos cognitivos, mais propriamente na leitura e escrita. Esse processo pode influenciar negativamente no desenvolvimento dos educandos na fase escolar, aumentando a probabilidade de problemas físicos e emocionais, repercutindo, inclusive, caso não diagnosticado e tratado corretamente, na evasão escolar. Este artigo tem como objetivo geral reflexionar sobre as dificuldades existentes na leitura e escrita vivenciadas pelos alunos dentro das salas de aula e viabilizar uma ação pedagógica. Na metodologia foram realizadas diversas pesquisas bibliográficas sobre a aquisição da aprendizagem disponíveis referente a essas dificuldades, sendo a elaboração da pesquisa, feita a partir do método qualitativo, dando ênfase na atuação do professor quando identificam essas dificuldades no aluno. Abordamos os assuntos relacionados à dislexia, com fundamentos em alguns autores que esclareceu sobre o que são esses distúrbios. Apresentamos também estratégias que os professores usam para ministrar os conteúdos em sala de aula, de maneira que os demais alunos não se sintam prejudicados.

Palavras-chaves Leitura. Escrita. Dislexia. Estratégias de leitura. Aprendizagem.

1. INTRODUÇÃO

Neste artigo buscou-se entender como o professor pode assimilar as

¹ Orientadora. Possui graduação em Letras – Inglês, pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC/PR); Especialização em Magistério da Educação Básica, Interdisciplinaridade na Escola, pelo Instituto Brasileiro de Pós-Graduação e Extensão (IBPEX); Especialização em Educação de Jovens e Adultos (EJA), pelo Centro Universitário Curitiba, (UNICURITIBA); Especialização em Educação a distância com ênfase na formação de tutores, pelas Faculdades São Braz (SÃO BRAZ). Professora do Centro Universitário Internacional UNINTER.

dificuldades decorrentes no processo de aprendizagem escolar vivenciado pelos alunos na leitura e na escrita.

Os desafios perante os professores encontram-se assentados sobre um agrupamento de dificuldades de aprendizagem, mas também nas famílias, escolas e implica-se em quase todos os aspectos presentes na sociedade. Os alunos com estas dificuldades tornam-se pessoas aceleradamente rotuladas, como resultado de sua interação com o ambiente em que vive. A alfabetização é um processo ininterrupto que acompanha o método mais amplo de busca da elevação de conhecimentos pertinentes a todo o ser humano que vive em uma comunidade letrada. Uma criança ou um adulto que vive exposto a uma linguagem escrita, inevitavelmente, se interessará por saber o que está escrito no jornal, na revista, no livro ou até mesmo nos jogos, bem como a usar a escrita para expressarem seus sentimentos, ideias e ações. As dificuldades de leitura e escrita são as mais comuns e são excepcionalmente, prejudiciais ao desenvolvimento educacional dos indivíduos, presentes tanto nos resultados, quanto à motivação, à autoestima, ao sucesso profissional e a outros aspectos da vida, além da escola. Nas séries iniciais, o sistema de alfabetização pode acarretar dificuldades no processo de aquisição da leitura e da escrita. O processo de alfabetização comporta a aprendizagem coletiva e simultânea dos rendimentos da leitura e da escrita. Aprendizagem escolar constitui-se em um desafio: os índices oficiais apontam que a maioria dos alunos inseridos na alfabetização e ensino fundamental não obtém aprovação escolar, gerando a exclusão do direito à escolarização, isto é, quando o aluno que frequenta a escola não obtém sucesso, ou média de aprovação escolar, ele não teve seu direito mais relevante assegurado: a aprendizagem. A leitura e escrita são processos complexos, de modo que um antecede ao outro. Estes processos consistem em possibilitar ao indivíduo a comunicação, assim como obter conhecimento relativamente do mundo em que o mesmo está inserido. É fundamental que o indivíduo com a ajuda do professor inicialmente desenvolva-se as habilidades da leitura para que assim possa desenvolver aptidão na escrita, ou seja, a leitura é imprescindível para o desenvolvimento na escrita.

2. AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

As dificuldades de aprendizagem, em seu sentido amplo, significam algo

demorado de ser assimilado. Isso pode ocorrer por vários motivos desencadeados: em decorrência do método utilizado em sala de aula, convívio familiar, questões pessoais pelas quais o aluno está enfrentando no momento, o ambiente escolar, questões muitas das vezes relacionadas ao bullying na rua ou mesmo dentro da própria escola.

Porém, as dificuldades de aprendizagens no sentido estrito da expressão têm a ver com distúrbios de aprendizagem, ou seja, questões relacionadas àquilo que é próprio da cognição. São dificuldades que podem ser observadas e solucionadas dentro do ambiente escolar juntamente com a equipe pedagógica.

Uma dificuldade de aprendizagem refere-se a um retardamento, transtorno, ou desenvolvimento lento em um ou mais processos da fala, linguagem, leitura, escrita, aritmética, ou outras áreas escolares, resultantes de um handicap causado por uma possível disfunção cerebral ou alteração emocional ou condutual. Não é o resultado de retardamento mental, de privação sensorial ou fatores culturais e instrucionais” (KIRK apud GARCÍA, 1962. p.263).

Kirk (1962) constatou que alguns alunos se manifestavam algumas discrepâncias nas suas habilidades de aprendizagem e de execução, designadamente: atrasos a nível escolar presentes na leitura e escrita, bem como ao nível da linguagem, necessitando de métodos e estratégias de aprendizagem distintas, uma vez que utilizadas com os demais alunos não resultava no efeito esperado. As DA surgem correntemente correlacionadas a barreiras nos processos psicológicos, inerentes ao uso e à compreensão da linguagem, à exceção das perturbações emocionais e fatores culturais e económicos, ou deficiências mentais, sensoriais ou motoras (Coelho, 2014).

Esse tipo de dificuldade de aprendizagem, que também pode ser conhecida por distúrbio, déficit ou mesmo transtorno, necessita de uma perscrutação mais fundamentada para ser de fato identificada. Ela não está ligada aos desafios de aprendizado comuns de cada pessoa, mas tem a ver com questões neurológicas que bloqueiam que o aluno aprenda no mesmo ritmo que os seus colegas de mesma idade. Por isso, ainda que os professores alterem o modo como ministram determinado conteúdo, os alunos que possuem essa dificuldade vão continuar não assimilando a matéria. E, portanto, necessitarão, a depender da dificuldade, de ter um tratamento com diferentes profissionais da saúde. Porém, no decorrer de alguns anos tem sido notado o aumento de vários diagnósticos relacionados às dificuldades de

aprendizagem. E, em alguns casos, isso poderia ser evitado, já que quando diagnosticados, os estudantes, na maioria das vezes, precisam tomar medicamentos controlados muito fortes com o objetivo de amenizar este problema. Logo, o erro ou exagero em diagnosticar uma dificuldade que poderia ser tratada de outra maneira pode trazer graves consequências a este estudante, como por exemplo, a diminuição e o interesse pela criatividade. Como dito anteriormente, a maioria dessas dificuldades é identificada nas escolas, quando os educadores observarem que algum aluno tem apresentado uma limitação fisiológica para aprender um determinado conteúdo, eles podem aplicar provas e simulados específicos e, de fato, constatarem essa dificuldade na aquisição. O professor tem que ter a sensibilidade de perceber se o aluno está apresentando dificuldades, muitas vezes essas dificuldades observadas têm causas externas, na escola e na família. O educador competente é aquele que está constantemente preocupado com a aprendizagem dos seus alunos e busca diversas estratégias para que aconteça o conhecimento de maneira significativa. Que busca objetivos que abrangem a todos voltando quantas vezes for necessário para que possam entender o conteúdo. Aquele que trabalha de maneira coletiva para que possa acontecer a troca, ou seja, a relação entre professor de ensino, como o professor ensina e o produto, ou seja, os resultados alcançados pelos alunos, sempre fazendo uso do conhecimento prévio, com relação a novas informações, atribuindo significados. O trabalho com métodos de leituras é considerado de grande importância para a formação de um leitor competente, e que assim este possa fazer leitura de qualquer texto da comunidade, compreendê-lo e fazer o uso dos seus conhecimentos para conseguir assimilá-lo perante o contexto no qual está inserido. Assim, os princípios básicos do letramento A “instrução direta” seria o ensino de habilidades isoladas, ou seja, o professor explica algo ao aluno referente a uma habilidade e muitos em sua prática educativa fazem uso desta, pois, de fato, a utilizam. São aqui considerados para que o professor possa proporcionar um trabalho de leitura em que o texto seja analisado, refletido e utilizado como meio para o desenvolvimento da leitura com os alunos de maneira significativa.

A profissão “educador” é, antes de tudo, uma missão, uma doação...Precisamos praticar o olhar e o escutar... A reconhecer no outro o ser pensante que é. A dar atenção ao outro, afinal atenção vem do verbo atender que significa cuidar.” (BELLI, 2008, p.49).

Porém, além dessa primeira identificação, o próximo passo a ser dado é o contato direto e aberto com a família desse aluno. Pois são os pais e responsáveis que devem procurar ajuda com os profissionais capacitados para diagnosticar, com segurança, algum tipo de distúrbio relacionado ao aprendizado. Esses profissionais vão variar de acordo com cada dificuldade apresentada seja neurologista, psiquiatras, psicólogos, psicopedagogos e até mesmo fonoaudiólogos. Mas isso vai depender do tipo de dificuldade identificada.

É preciso identificar as causas que estão atrapalhando a criança na escola: Problemas no relacionamento professor-aluno; problemas familiares; problemas com o conteúdo escolar por; e muitos outros que acabam tornar a escola um lugar aversivo (BOSSA 2000, p.98-104).

Um aluno que não tenha bem estruturado a sua alfabetização poderá sentir-se frustrado, levando a um baixo aproveitamento escolar e progressivamente a uma baixa autoestima. É no 1.º CEB que os professores se deparam com estes problemas (Pinheiro, 2009), podendo ocorrer ou serem detectados durante o processo de aquisição ou nos atos de leitura e escrita (Rebelo 2001). Nos primeiros anos de escolaridade, as aprendizagens da leitura e da escrita fazem-se paralelamente. Se os alunos apresentarem dificuldades em alguma delas, conseqüentemente, irão revelar problemas na outra (Dumont, 1984, citado por Rebelo, 2001). Posteriormente, iremos caracterizar uma dessas dificuldades que muitas das vezes é enfrentada pelo aluno na sala de aula onde contam com o apoio do professor.

2.1 DISLEXIA

Atualmente, um dos maiores desafios encontrados pelos professores em sala de aula, é diagnosticar a verdadeira dificuldade do aluno e trabalhar com atividades que auxiliem os variados tipos de dificuldades, onde cabe cada educador ter o discernimento e conhecimento para saber diferenciar. Uma questionável vista em sala de aula e muitas vezes confundida é a Dificuldade da Leitura e da Escrita com a Dislexia, é muito improvável encontrar uma pessoa que não teve um bloqueio ou mesmo uma dificuldade em assimilar algo algum dia.

A aprendizagem é uma mudança no desempenho que resulta da experiência. Segundo Correia (1999) a dificuldade de aprendizagem é um termo superficial que diz respeito a um grupo heterogêneo de desordens manifestadas por problemas significativos na aquisição e uso de suas capacidades.

Algumas crianças chamam a atenção devido ao fato de estarem atrasadas ou defasadas em determinadas tarefas específicas como a escrita, se comparadas com seus colegas de classe ou idade, ou uma dificuldade geral, quando a aprendizagem é mais lenta do que a média das crianças em uma série de tarefas (SISTO; BORUCHOVITCH; FINI; BRENELLI; MARTINELLI, 2007, pp. 190 e 191)".

Sabe-se que a dislexia é um distúrbio de aprendizagem caracterizado pela dificuldade de leitura e escrita. De acordo com a Internacional Dyslexia Association (IDA), essas dificuldades normalmente resultam de um déficit no componente fonológico da linguagem e são inesperadas em relação à idade e outras habilidades cognitivas. Lentidão na aprendizagem, dificuldade de concentração, palavras escritas de forma estranha, dificuldade de soletrar e troca de letras com sons ou grafias iguais são alguns sinais de dislexia. Na opinião de Lyon (1995 apud NICO; SOUZA, 2009), a dislexia é caracterizada por uma dificuldade de decodificação, leitura, escrita e soletração que tem origem neurológica. (MARILEIDE DA SILVA LADEIRA e ANA CABANAS apud Lyon, Educador: a Dislexia e o que fazer em Sala de aula, s.d.).

Segundo a Revista VEJA (2013) os alunos disléxicos confundem visualmente o "p" e "b" ou "d" e "q", eles escrevem de maneira espelhada. Seu pior desempenho é nas disciplinas de Português e Redação. A dificuldade de interpretar textos atrapalha também o aprendizado de outras matérias que demandam leitura. Segundo Lopes (s.d) essa dificuldade geralmente é mais perceptível no começo da alfabetização e facilmente é confundida com inteligência baixa ou desmotivação, tal dificuldade é caracterizada pela dificuldade em ler, soletrar, interpretar um texto, reconhecer fonemas, exercer tarefas relacionadas à coordenação motora. A dispersão é a primeira característica a ser observada entre o aluno disléxico. O sucesso da aprendizagem do aluno disléxico está fundamentado em aprender pelo uso de todos os sentidos, fazendo-o assim, sentir-se normal como os demais colegas da classe, pelo fato de serem disléxicos não significa que são inferiores aos demais. A ajuda do professor é indispensável para a formação desse aluno.

O professor jamais deve rotular um aluno disléxico como lento ou preguiçoso e nunca o comparar aos outros alunos da classe. Esse aluno não deve ser forçado a ler em voz alta perante a classe a menos que ele demonstre desejo em fazê-lo. As suas habilidades devem ser julgadas mais em suas respostas orais do que nas escritas”. (SOLITTO, Rosemary Helena Chagas. Avaliação Escolar para os alunos disléxicos, 2008.)

2.2 O PAPEL DA ESCOLA E DO PROFESSOR COM O ALUNO DISLÉXICO

DA ESCOLA

A escola é vista por todos como o primeiro contato direto em que o aluno terá com a sociedade de forma concreta, inserida na comunidade, depois de já ser integrante do núcleo familiar. Mas deploravelmente é notável que a escola tradicional não tem sido capaz de atender nem mesmo os estudantes que se encontram em condições normais de aprendizagem, fica ainda mais difícil trabalhar com aqueles que possuem alguma dificuldade no processo de aprendizagem na leitura e na escrita como a dislexia.

Para Piaget (1990), o aluno é um sujeito que compara, exclui, ordena, categoriza. Reformula, formula hipóteses, reorganiza, reconstrói e constrói, em ação interiorizada (pensamento), ou em ação efetiva, segundo seu nível de desenvolvimento”. Para Vygotsky (1987), é o sujeito que constrói nas relações cotidianas as leituras de mundo necessárias para a resposta de seu tempo.

Para a escola, não é o aluno o ponto de início para a aprendizagem. Entretanto, o nível de desenvolvimento cognitivo do sujeito constitui uma variável importante na determinação de sua capacidade assimiladora, um dos grandes problemas existentes no ensino das escolas nos dias atuais é tratar pessoas diferentes de forma igual. Embora a elevação de currículos rígidos e conteúdos precedentemente estabelecidos sejam mais fáceis, essa não é a proposta ideal, visto que nem todos os alunos conseguem seguir o mesmo planejamento de ensino. É fundamental trabalhar no sentido de criar projetos educativos que incorporem a diversidade na tomada de decisões. Uma forma de atender a diversidade existente entre os alunos seria por fazer uma espécie de pesquisa entre eles, como teste de prontidão, avaliação da leitura e da escrita no nível de aprendizagem, para assim, conhecer as características

individuais dos alunos e evitar o desenvolvimento ou a intensificação de possíveis dificuldades de aprendizagens.

Para alunos que possuem dificuldades de aprendizagem como a dislexia, a escola precisa estabelecer um tempo extra para apoiá-los, esse apoio precisa ser entendido por eles como um presente e não como um castigo ou como um fardo, é necessário que o aluno entenda que a construção do conhecimento é feita por etapas, e que pular essas etapas ou fazê-las de forma inadequada não possibilitará que alcancem outras novas etapas importantes para o seu desenvolvimento. É indispensável um ambiente escolar saudável, onde o aluno se sinta à vontade. O papel da escola é primordial na vida dos alunos que apresentam essas dificuldades, pois necessitam do apoio dos professores e dos colegas para enfrentarem essas questões que às vezes acabam-se tornando desgastantes. Faz-se necessário a escola realizar algumas ações, no sentido de explicar o desenvolvimento de todos os alunos considerando as peculiaridades de cada um deles como, por exemplo: realizar mudanças na sala de aula que incluam a atribuição de lugares especiais, tarefas escolares alternativas ou modificadas e procedimentos de avaliação também modificados e adaptados; fornecimento de equipamentos especiais; criação de estratégias de educação especial com horários diferenciados e métodos voltados para dificuldades do aluno, exercícios para desenvolver os domínios perceptivos, linguístico, leitura de assuntos estimulantes e brincadeiras lúdicas, trabalhar com o respeito dos colegas para que os alunos que enfrentam essas dificuldades não sejam discriminados pelos demais e entre outras ações que vão contribuir para o seu desenvolvimento .

DO PROFESSOR

De acordo com Ribeiro (2008, p.49) quando o professor se depara com um aluno disléxico na sala de aula, precisará acima de tudo entender de que ele é um aluno inteligente e capaz de assimilar os conteúdos que serão ministrados.

O professor deverá encontrar métodos multissensoriais de ensino e aprendizagem, visto que alunos com essa dificuldade compreendem melhor através de diferentes modalidades sensoriais. O educador é o responsável por promover uma visão positiva de leitura, visto que esse é o desafio mais frustrante para disléxicos, minimizando o efeito que o diagnóstico da dislexia pode causar no aluno e em outros, o que poderá

afetar a autoestima dele. É importante ressaltar que todo estudante necessita de uma atenção especial do corpo docente e com o aluno disléxico a atenção é dobrada. Como podemos ver no filme *Como estrela na Terra, todo educando é especial* (Aamir Khan, 2007) o aluno com dislexia era criticada por todos como preguiçoso, desrespeitador e bagunceiro, Ishaan diz que as letras dançam na sua frente. O pai mediante a situação e a tristeza por ter um filho aparentemente tão problemático, decide colocá-lo em um Colégio Interno onde encontra um Educador que o entende.

O filme deixa clara a importância que o professor tem de mudar por completo a vida de seu aluno, enquanto todos os demais educadores da escola convencional só sabiam corrigir Ishaan, esse professor substituto encontrou nas artes, uma maneira para alfabetizar o garoto. O orientador pode auxiliar o seu aluno disléxico, fazendo o uso de materiais concretos, como argila, massa de modelar, gravar as aulas, para que sejam escutadas quantas vezes for necessária para que o discente aprenda o conteúdo abordado.

Quando o professor consegue acolher esse aluno e respeitá-lo em suas diferenças, sem cair na armadilha do sentimento de pena, proporciona a ele um grande benefício, oferece a toda a classe uma rica experiência de convivência com a diversidade". (SOLITTO, 2008)

Segundo Ladeira e Cabanas (s.d) entende-se que quando um educador desconfiar da dificuldade de aprendizagem na leitura e na escrita deve procurar a instituição de ensino e conversar com os responsáveis para que seja feito o acompanhamento seja. O professor que deseja ajudar o disléxico, mediante a um diagnóstico multidisciplinar, pode minimizar bastante os problemas de linguagem. Este trabalho deve ser realizado em parceria com os pais e os demais educadores, onde é necessário conversar e expor o problema para o aluno portador dessa dificuldade na aprendizagem. Buscando restabelecer sua autoestima, confiança através da orientação e instrução adequadas para que o mesmo, pouco a pouco, vá superando o trauma da sua incapacidade de aprender a ler e escrever corretamente. Sendo assim, os pais e professores precisam trabalhar unânimes, onde um não pode contradizer o outro, buscando aumentar a motivação do aluno restaurando a sua autoconfiança em si mesmo, valorizando o que ele faz mesmo que não esteja correto, tendo o cuidado para não enfatizar os erros cometidos por ele.

é comum prestarmos mais atenção às dificuldades, pois elas saltam aos olhos com muito mais evidências que as potencialidades. Podemos começar a pensar sobre a dificuldade de aprendizagem pelos acertos dos alunos. Assim, experimentando alguns sucessos, podemos abrir uma porta para a construção de um vínculo positivo com as demais áreas da aprendizagem que nosso aluno necessita aprimorar. Vamos descobrir os talentos dos nossos alunos e nos concentrar neles. (SILVA, p.2, 2013).

É importante valorizar todo o esforço e interesse demonstrado pelo mesmo, respeitando seu ritmo, pois o disléxico necessita de mais tempo para pensar e entender o que é para ser feito, que um aluno normal. Para isso o professor necessita ter paciência e força de vontade ajudando este discente, pois não existe um método específico de alfabetizar os mesmos. Segundo Ribeiro (2008), através do recurso à leitura, um aluno terá potencial para desenvolver uma maior motivação pela leitura. É importante lembrar que o que for transmitido a ele deve ter um contexto significativo, visto que o aluno disléxico tem dificuldade em reter informação, mas se for ensinado num contexto significativo para ele, terá maior probabilidade de recordar o conteúdo. Rimas e canções são recursos excelentes para que alunos com dislexia aprendam as letras, as rimas e canções utilizam padrões de repetição o que faz com que a leitura seja agradável e acessível a ele.

2.3 ESTRATÉGIAS USADAS PELOS PROFESSORES NA LEITURA E NA ESCRITA

A leitura é uma atividade que requer do leitor não apenas habilidades linguísticas, como reconhecer palavras, estruturas sintáticas, sentidos de frases, mas também extralinguísticas, como acessar seus conhecimentos, estabelecer objetivos e expectativas, para construir uma unidade de sentido. As pesquisas em leitura e compreensão textual demonstram que há complexas interações entre leitor, texto e seus conhecimentos de muito (Clark, 1996; Silva, 1997; Koch, 2002).

Para desenvolver a facilidade de leitura nos alunos, o professor deve realizar uma série de estratégias de leitura, por exemplo: criar oficinas de redação, concursos de poesias, provas orais dentre outros, que são os processos realizados antes, durante e após a leitura e que facilitam a compreensão de textos e contribuem para uma escrita satisfatória. As estratégias de leitura levam o leitor a refletir sobre as relações

de sentido de um texto e a estabelecer a relação entre fatores linguísticos e extralinguísticos. É importante ressaltar que essas estratégias variam em função de leitores e operações cognitivas que são realizadas para a compreensão do texto como aspectos textuais, por exemplo, a estrutura do texto, a organização interna do texto, o tipo e o gênero textual.

As estratégias de leitura (Solé, 1998; Joly et al., 2004) receberam outros nomes, em função de suas especificidades como estratégias de compreensão (Alvermann, 2001; Tanaka, 2003), cognitivas emetacognitivas (Leiman, 1989; Salataci e Ariel, 2002).

Há autores que classificam as estratégias como conscientes e inconscientes. As inconscientes, por exemplo, são aquelas relacionadas aos conhecimentos lexicais, sintáticos e semânticos, as conscientes são estratégias como sublinhar as informações mais importantes do texto, ler com um objetivo, verificar títulos e subtítulos como pistas para construir a compreensão e ler efetivamente, ou seja, criar uma representação significativa para o texto, uma unidade de sentido (Koch, 2002)''.

Diversos pesquisadores buscaram compreender as diferenças existentes entre bons e maus leitores. As ideias apresentadas por Duke e Pearson (2002:) dizem que os bons leitores, são ativos onde criam objetivos para a leitura e avaliam constantemente se sua leitura confirma os objetivos já levantados fazendo uma varredura pela superfície do texto antes de iniciar a leitura, para apreender a estrutura do texto e as seções que o compõe melhorando a escrita. De acordo com Antunes, a escrita é uma atividade que comporta a interação expressiva na qual determinada pessoa vai manifestando as suas ideias, informações, intenções, crenças e sentimentos que necessita de partilhar com alguém de forma verbal (Antunes, 2003). Nesta perspectiva interacionista que a escrita assume, Bakhtin (1981) defende que a expressividade evoca dois elementos fundamentais, nomeadamente, o conteúdo interior que é a ideia que se pretende transmitir e a sua objetivação exterior, que é a materialização do pensamento direcionado a outrem ou a si mesmo. Embora estes autores vejam a escrita na perspectiva interacionista, Tovela (2012) ressalta que a construção de conhecimento depende da escrita que é um instrumento fundamental na divulgação de saberes. Nesse sentido, Marcuschi (2001) postula que fala e escrita não se opõem, mas se completam, havendo uma continuidade entre ambas. Segundo esse autor, as diferenças entre elas ocorrem dentro de um continuum tipológico e

devem ser vistas e analisadas dentro da perspectiva do uso, não como traços intrínsecos.

A escrita é uma dessas técnicas auxiliares usadas para fins psicológicos; a escrita constitui o uso funcional de linhas, pontos e outros signos para recordar e transmitir ideias e conceitos” (LURIA, 2012, p.146)

Segundo o autor, a escrita é uma linguagem que se constitui primeiro no pensamento para depois ser registrada já que antes de registrar ou grafar o sistema simbólico, ela necessita representá-lo no pensamento.

2.4 METODOLOGIA

O planejamento utilizado para elaboração deste artigo foi a junção de dados a partir de uma análise bibliográfica do tema em questão. Utilizou-se como fonte de referências materiais já elaborados, constituído, basicamente, por: livros, artigos científicos, revistas, sites, dissertações e teses bibliografias de renomados autores que contribuíram sejam de forma direta ou indiretamente durante seus períodos de estudo, sobre os alunos que apresentam dificuldades na leitura e na escrita, apresentando estratégias adotadas pelos professores quando se deparam com esses alunos dentro da sala de aula. Foi abordado a importância da escola em realizar um trabalho junto à família para o melhor desenvolvimento desses alunos, fazendo com que se sintam à vontade no ambiente escolar, pois o fato de apresentarem dificuldades de aprendizagens na leitura e na escrita não os torna inferiores aos demais colegas. Quanto ao tipo de abordagem da pesquisa, utilizou-se o método qualitativo. Conforme com Gil (1994), a importância da investigação científica a partir de análises bibliográficas reside no fato de que o pesquisador pode obter uma ampla gama de conceituações e problematizações a cerca de um tema, levando em consideração a avaliação de dados relevantes produzidos pela ciência.

De acordo com Gerhard e Silveira (2009, p.32), a pesquisa qualitativa “explora o universo de significados e valores, entre os quais, podemos destacar: motivos, aspirações, crenças, atitudes, entre outros”.

Esses elementos correspondem a um significado profundo das relações, dos processos e dos fatos a serem estudados, não permitindo que sua utilização seja reduzida ao uso de variáveis. Sendo um dos métodos de pesquisa bastante utilizado em investigações na área educacional.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O referido artigo fez abordagem acerca das dificuldades de aprendizagem enfrentadas pelos alunos e suas interferências durante o processo de alfabetização, explanando também como os professores lidam com essas questões presentes na sala de aula. No Processo de ensino e aprendizagem, tais como: dificuldades na escrita, na leitura, na interpretação, no raciocínio, problemas comportamentais, problemas estruturais como a falta do apoio da família e dos pais na vida escolar dos filhos. Abordando também sobre uma das dificuldades identificadas nos alunos, dislexia, apontando estratégias de como o educador deve se reportar com esses discentes, apresentando maneiras de se trabalhar com eles. Entretanto, por ocorrer na fase de alfabetização que ficam evidentes os primeiros sinais da dificuldade na aprendizagem, cabe ao professor identificar estes sinais e buscar o auxílio de uma equipe multidisciplinar para promover o encaminhamento e acompanhamento adequado, de modo que o aluno seja avaliado nas suas dificuldades e receba as intervenções efetivas a fim de superar e progredir no enfrentamento dessas dificuldades. Apontando que o ambiente escolar necessita rever suas estratégias adequando-as á suas aulas e atividades pensando em nos demais alunos, garantindo que todos eles possam se desenvolver na aprendizagem e na aquisição de conhecimentos especificadamente na leitura e na escrita. É importante uma aproximação entre família e escola, um maior incentivo ao aluno por parte da família, professores bem preparados para lidar com essas dificuldades, buscando melhorias tanto nos métodos de ensino quanto na parte de aprendizagem de seus alunos. Como futuro educador vejo que e necessário me preparar para esses e outros desafios que encontrarei durante minha carreira profissional, dando atenção e suporte a alunos que passam por essa questão de dificuldade. Buscando a cada dia me aprimorar em conteúdos e adquirir estratégias que farão com que eles se sintam à vontade e confiantes, enxergando que não estão sozinhos nessa jornada da aprendizagem.

REFERÊNCIAS

CAPRETZ, Nancy. **Problemas e Distúrbios da Aprendizagem**. Departamento de Pós-Graduação e Extensão. Valinhos, SP: Anhanguera Educacional, 2012. Disponível em: <<http://anhanguera.com>>.

RIBEIRO, Florbela Lopes. **A Criança Disléxica e a Escola**. 2008. Monografia (Pós-Graduação em Educação Especial) Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, Porto, 2008, p. 49.

https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572004000100014. Acesso em: 14 de janeiro de 2021.

BARCA LOZANO, A., PORTO RIOBOO, A. Dificultades de aprendizagem: Categorías y clasificación, factores, evaluación y proceso de intervención psicopedagógica. In SANTIUSTE BERMEJO, V., BELTRÁN LLERA, J. A. **Dificultades de aprendizaje**. Madrid: Editorial Síntesis, 1998.

<https://docplayer.com.br/49930942-Emilia-ferreiro-vygotsky-e-luria-contribuicoes-para-a-alfabetizacao.html> . Acesso em 22 de janeiro de 2021.

RUZ, V. **Dificuldades de Aprendizagem Específicas**: Lidel - Edições Técnicas. Lisboa, 2009.

<https://www.soescola.com/2017/01/dificuldades-de-aprendizagem-na-leitura-e-na-escrita.html>. Acesso em 05 de março de 2021.

FONSECA, V. **Uma Introdução às Dificuldades de Aprendizagem**. Editorial Notícias: Lisboa, 1984.

<https://educacao.imagineie.com.br/dificuldade-de-aprendizagem/>. Acesso em: 19 de março de 2021.

KATO, Mary. No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística. 7 a. ed. São Paulo: Ática, 2002. 93p.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico/Cleber Cristiano Prodanov, Ernani César Freitas-2. Ed. Novo Hamburgo:Feevale, 2013, p.36 e p.98.

Psicolinguística em foco :**Linguagem, aquisição e aprendizagem**. Acesso em 19 de março de 2021.